

GRAVAR, IMPRIMIR, APRESENTAR: MEIOS E IMAGENS NA GRAVURA CONTEMPORÂNEA

KELLY WENDT¹; ANGELA RAFFIN POHLMANN²

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - kelly.wendt@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEl) - angelapohlmann@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este resumo pretende elucidar uma parte do desenvolvimento de pesquisas com procedimentos não-tóxicos para a gravura em metal, ressaltando a importância dos meios na produção de imagens, assim como, os materiais utilizados nas diversas linguagens que podem entrar na produção gráfica contemporânea garantindo, assim, a sustentabilidade dos meios. Junto com a necessidade de resgatar a técnica tradicional, renovamos o meio com novos discursos que são incorporados à poética do artista. Cada imagem impressa tem como resultado visual a soma de procedimentos que lhe deram origem.

Gravar, imprimir e apresentar compõem uma tríade na gravura contemporânea, capaz de produzir reflexões diante da pesquisa em arte. Nesta tríade, o desenvolvimento do processo envolve inicialmente elencar a imagem, depois produzir a matriz, e finalmente reproduzi-la e configurá-la no espaço. Dependendo do seu uso, de seu conteúdo e da sua forma de apresentação, a imagem pode produzir diferentes sentidos na sua expressão. Aqui a preocupação é destacar o uso de imagens produzidas durante a pesquisa e os modos distintos de produzi-las e apresentá-las ao espectador.

Ao imprimir a matriz variando os suportes (gramatura do papel) e as cores (tinta de impressão) obtém-se estampas com diferentes variações e modos de apresentação. Na tentativa de confrontar estes resultados, refletimos também sobre os modos de apresentar essa imagem ao espectador, seja no espaço expositivo ou não. Os resultados são trabalhados de acordo com os discursos poéticos gerados por meio de todos os momentos do processo desenvolvido.

Para a reflexão sobre esse estágio da criação do trabalho, utilizamos o pensamento anacrônico do teórico moderno Walter Benjamin (2006) e do contemporâneo Didi-Huberman (1997). Ambos autores pensam na imagem como "imagem dialética", ou seja imagens que reúnem em seu conteúdo todo o processo, momento a momento reunindo marcas e cores. Elas contêm a origem (semelhança da matriz) e todos os outros tempos ocorrentes em meio ao processo.

Didi-Huberman (1997) relaciona a impressão com a dialética, a imagem que nos fala tão bem do contato e da perda. Ela carrega um pensamento técnico do 'processo' e a adaptação de uma temporalidade particular em que a extrema presença e ausência podem coexistir. A impressão pode, portanto, ser usada para entender uma 'recusa'. A origem fornece a noção de imagem no modelo constitutivo geral e, simultaneamente, garante a individualidade de cada imagem. Trata-se de um paradigma que ainda foi pouco reconhecido em toda a extensão do seu significado histórico, filosófico e antropológico.

Outro autor que discorre sobre a antropologia da imagem é o teórico Hans Belting (2005), relacionando a ausência e a presença na criação de imagens. Nesse discurso, a importância da produção da matriz está no desenvolvimento de inúmeras imagens diferenciadas, alternando procedimentos e materiais, implicando na variação temporal dessa imagem produzindo em si diferença (DIDI-HUBERMAN,

1996). Matrizes e espaços gráficos, inscrição, reprodução ou impressão derivam da expansão formal de suportes que sustentam o discurso destas impressões.

O trabalho aqui apresentado faz referência à casa, uma casa incomum sem telhado e com portas e janelas lacradas. “Resistem a quem pretenda explorá-las. Uma simples panorâmica não dá mais conta de seus relevos, de seus rios subterrâneos, da vida latente em suas fachadas. Tornam-se uma paisagem invisível.” Neste trecho do livro *Paisagens Urbanas*, Nelson Brissac Peixoto (2002) descreve a sensação dos transeuntes ao percorrer a cidade moderna. As casas em desuso se tornam obsoletas e invisíveis aos olhos ao percorrer a cidade.

Neste sentido, ao fotografar a casa em seu abandono, abro os olhos para enxergar melhor e deflagrar a sucessão de camadas impressas pelo tempo. Isto pode ajudar a justificar a tridimensionalidade do trabalho, assim como a explorar uma dupla impressão gráfica. A primeira de jato de tinta a partir de fotografia de camera-fone, e a segunda por meio de matriz de metal e fotopolímero revelado pela mesma fotografia, possibilitando a sobreposição dos mesmos elementos da composição fotográfica.

2. METODOLOGIA

Dentre os métodos alternativos de produção de gravuras não-tóxicas analisamos o uso de filmes fotopolímeros e bases acrílicas para uso na gravura em metal. Ao produzir uma matriz de metal foi investigado também os procedimentos de impressão dessa imagem, feita com papel Canson 120mg e tinta para calcografia *Charbonell* preta.

Na primeira estampa, a imagem foi impressa e sobreposta pela impressão digital da mesma imagem. Em uma segunda estampa, o processo foi o inverso. Primeiramente o papel foi levado à impressora jato de tinta Epson Cx4100 para a impressão digital e logo submetida ao tanque de água para levar à prensa e imprimir a imagem da matriz de metal (procedimento tradicional da técnica em metal). Por conta disso, a primeira imagem impressa na folha com jato de tinta diluiu na água permanecendo no papel somente uma marca sutil (uma espécie de marca d'água). E enfim, uma terceira estampa foi feita. Primeiramente o papel foi submetido à impressora jato de tinta e logo, ao invés de mergulhar o papel na água esse foi somente umidecido com esponja litográfica para a impressão tradicional da matriz sobre a impressão digital.

A segunda imagem produzida foi incorporada a uma superfície de madeira e vidro, compondo uma pequena caixa. Nesta gravura como objeto, as experimentações geraram a exploração no campo da gravura expandida (DIDI-HUBERMANN, 1997), em diálogo com o espaço. A foto impressa em jato de tinta é esmaecida pela umidade do papel permitindo a transparência da imagem. Esta transparência é reforçada pela sobreposição em tons de cinza da gravura em metal, trazendo uma dimensão temporal para essa imagem. O vidro, outro elemento presente na imagem, permite a experiência do seu atravessamento, assim como também subverte a realidade com seus reflexos, imprimindo imagens instantâneas no presente.

As impressões podem ser trabalhadas em outros meios, dialogando com a forma com as quais são apresentadas ao espectador. Disto resultam relações entre os meios e os materiais utilizados, e da equação entre inúmeros procedimentos de obtenção da imagem, da feitura da matriz, da multiplicação da imagem e da forma de olhá-la no espaço.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os procedimentos de obtenção da imagem deram origem a um levantamento das escolhas feitas dentro do processo. Cada alteração no modo de feitura ou no material utilizado geraram diferenças na imagem final, assim como o modo de apresentá-la também levou a outro modo de olhar.

Na primeira imagem (Fig.1), por haver uma impressão digital posterior, a impressão com a matriz metal ficou com detalhes importantes sobrepostos, não garantindo o efeito desejado inicialmente. O resultado é uma imagem com poucas áreas claras e muitos pontos escuros, dificultando a observação dos detalhes da imagem. Entretanto, ficou evidente a imposição temporal de sua feitura e a ausência do corpo que ali não mais estava.



Figura 1: Kelly Wendt, “A impressão do Olhar”, impressão digital e gravura em metal não- tóxica, 10x10 cm, 2011

Na segunda imagem impressa (Fig.2), a folha foi submetida à imersão na água. Devido à tinta da impressora ser solúvel em água, a impressão diluiu na bacia, restando apenas uma marca produzida pelas cores. Ao sobrepor a imagem da matriz de metal (fotopolímero) em preto, ficou visível a temporalidade do processo e a variação dos modos de operar a matéria. Nela pode-se perceber a confirmação de que a imagem foi construída a partir da presença e do contato com um corpo que ali esteve. Por fim, na terceira imagem, a materialidade da impressão tradicional ficou presente criando mais relevos e profundidades devido ao processo manual.

Estes resultados incitam novas formas de apresentá-las, como no caso do objeto gráfico intitulado Encasado¹ (Fig.2). Neste, a imagem sugeria uma profundidade e uma sobreposição de olhares e tempos. A imagem juntamente com a forma da caixa e o vidro discutem a materialidade da arquitetura e a imaterialidade da memória. A foto impressa em jato de tinta é esmaecida pela umidade do papel permitindo a transparência da imagem. O vidro permite a experiência do atravessamento da imagem, subvertendo a realidade com os reflexos de imagens instantâneas.

¹ Trabalho selecionado para exposição no 4º Salão Sesc/Fundarte 10x10, em Montenegro, RS.



Figura 2: Kelly Wendt, "Encasado", impressão digital e gravura em metal não-tóxica, vidro, madeira, 10 x 10 x 7cm, 2013

4. CONCLUSÕES

Os meios de obtenção de imagem na contemporaneidade são variados e híbridos trazendo uma gama de combinações com diferentes resultados e formas de interação descontínuas. As escolhas e os modos de operar a imagem parte do discurso poético trabalhado pelo artista, lapidando conceitos operatórios (REY, 2002).

Memória, esquecimento, impressão, imaginação, ver e cegar são palavras que percorrem o conceito do trabalho que é intitulado "Encasado" fazendo uma referência ao emoldurado. Aludem ao significado do que fica retido e guardado, e que, mesmo sendo visto, pode ser ignorado. A gravura é o poder do contato, da marca, refletindo sobre a morte e nascimento da imagem. Isso reflete no imaginário individual em que a seleção da memória cria simbolismos trazendo a imagem para o campo antropológico (BELTING, 2005) dando margem à dialética (BENJAMIN, 2006) da imagem, onde o que olhamos é somado ao que conhecemos; a imagem sempre no presente, constrói a todo momento uma história particular (DIDI-HUBERMANN, 1996).

Agradecemos ao CNPQ e à FAPERGS pelo apoio às pesquisas que deram origem a este texto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTING, Hans. Por uma antropologia da imagem. Revista *Conccinitas*. Ano 6, vol. 1, nº 8, jul/2005

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte, Editora UFMG/ Imprensa Oficial de São Paulo, org. Willi Bolle, 2006.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 1998.

_____. *L' Empreinte*. Paris: Centre Georges Pompidou, 1997.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. (Org.) **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes visuais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p.123-140.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens urbanas*. São Paulo: SENAC, 2002.